



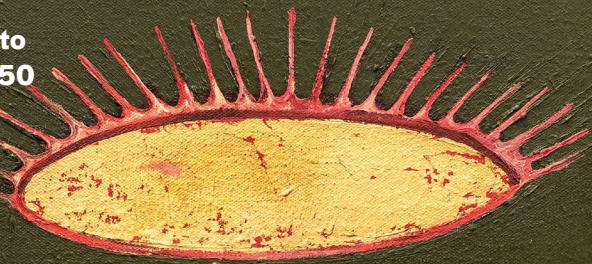
ENCICLOPÉDIA

NEGRA

FLÁVIO DOS SANTOS GOMES
JAIME LAURIANO
LILIA MORITZ SCHWARCZ


COMPANHIA DAS LETRAS

De Abdias do Nascimento
a Zeferina, os mais de 550
personagens retratados
neste livro encenam
um reencontro do Brasil
consigo mesmo e com
a memória silenciada
de milhões de pessoas
negras que construíram
a história deste país.



APOIO
IBIRAPITANGA

PARCERIA
PINACOTECA
DE SÃO PAULO

COLABORAÇÃO



CIDADANIA
CRIATIVA



Em 1751, Diderot e D'Alembert lançavam sua célebre *Enciclopédia*. O termo vinha do mundo antigo, mas foi o Iluminismo que estabeleceu a forma e o conceito dessas obras tal como as conhecemos hoje. Nascidas no bojo da modernidade, as enciclopédias são monumentos que celebram a fé na razão e no conhecimento como elementos fundamentais na constituição de uma sociedade mais justa e democrática.

A *Enciclopédia negra* remete a essa tradição humanista, ao mesmo tempo que a atualiza criticamente, ao encenar um reencontro do Brasil com a memória silenciada de milhões de pessoas negras que construíram sua história. Flávio dos Santos Gomes, Lilia Moritz Schwarcz e Jaime Lauriano passam em revista o período da escravidão e do pós-abolição a fim de restabelecer o protagonismo negro na experiência nacional. Para isso, conjuram toda a concretude e complexidade própria do humano: os biografados são sempre chamados pelo nome e se possível pelo sobrenome, são retratados com base em seus feitos e afetos, são divisados em seus sonhos e desejos, enfim, são imbuídos do que há de singular, multifacetado e profundo em cada existência particular.

Em 416 verbetes, os autores revisitam a vida de mais de 550 pessoas negras, de sexo, gênero e orientação sexual distintos, das mais variadas profissões, de diferentes faixas etárias, de todas as regiões do país, e de diversos credos e posições hierárquicas no conjunto das relações de poder econômico, social e político em que estiveram inseridas. São profissionais liberais; mães que lutaram pela alforria de suas famílias; ativistas e revolucionários; curandeiros e médicos; líderes religiosos que reinventaram outras Áfricas no Brasil.

As feições de muitos desses personagens foram apagadas da história. Por isso, 36 artistas negros, negras e negres criaram retratos inspirados nos verbetes desta enciclopédia, aqui reunidos em um belíssimo caderno de imagens.

Num momento de grande produção e disseminação de informações deturpadas, incorretas e até falsas, esta obra contribui para conformar um seguro repositório de experiências individuais e coletivas ao qual — como pessoas e como sociedade — podemos recorrer em busca de inspiração, orientação e sonho de futuro.

ARTISTAS PARTICIPANTES

Amilton Santos
Andressa Monique
Antonio Obá
Arjan Martins
Ayrson Heraclito
Bruno Baptistelli
Castiel Vitorino
Dalton Paula
Daniel Lima
Desali
Elian Almeida
Hariel Revignet

Heloisa Hariadne
Igi Ayedun
Jackeline Romio
Jaime Lauriano
Juliana dos Santos
Kerolayne Kemblim
Kika Carvalho
Lidia Lisboa
Marcelo D'Saete
Mariana Rodrigues
Micaela Cyrino
Michel CENA7

Moisés Patrício
Mônica Ventura
Mulambö
Nádia Taquary
Nathalia Ferreira
Oga Mendonça
Panmela Castro
Rebeca Carapiá
Renata Felinto
Rodrigo Bueno
Sonia Gomes
Tiago Sant'Ana

FLÁVIO DOS SANTOS GOMES é professor da UFRJ e também atua nos programas de pós-graduação em história (UFBA), história comparada e história social (UFRJ). É autor de, entre outros livros, *O alufá Rufino* (com João José Reis e Marcus Joaquim de Carvalho, 2010), *Mocambos e quilombos* (2015), e coorganizador de *Dicionário da escravidão e liberdade* (2018).

JAIME LAURIANO graduou-se pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo em 2010. Possui trabalhos nas coleções públicas da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte do Rio (MAR). Foi laureado com o prêmio Marcantonio Vilaça (2017), com o 1º prêmio CCB B Contemporâneo (2015), entre outros.

LILIA MORITZ SCHWARCZ é professora titular no Departamento de Antropologia da USP e Global Scholar e Visiting Professor, desde 2008, na Universidade Princeton. É autora de, entre outros livros, *O espetáculo das raças* (1993), *Brasil: uma biografia* (com Heloisa Murgel Starling, 2015) e *Lima Barreto: Triste visionário* (2017), e coorganizadora de *Dicionário da escravidão e liberdade* (2018).

AS IMAGENS DA CAPA E DA QUARTA CAPA

A capa e a quarta capa desta *Enciclopédia negra* trazem dois personagens — Afra Joaquina Vieira Muniz e Chico Rei — num elenco de mais de 550 biografias. Também selecionam uma mulher e um homem; ela que viveu na Bahia e ele, em Minas Gerais. Afra no século XIX, Chico Rei no XVIII. Da existência dela, temos comprovação por um processo em que tomou parte; quanto a ele, não sabemos os limites entre a história e a lenda; lenda que vira história. Por outro lado, aqui estão as obras de dois pintores, Mônica Ventura e Antonio Obá, num time de mais de sessenta artistas.

Afra Joaquina vivia em Salvador e era casada com seu ex-senhor, Sabino Francisco Muniz, de origem africana como ela, que, uma vez liberto, pagou pela liberdade da esposa ao mesmo tempo que se tornou proprietário de escravos. Sabino morreu entre 1870 e 1872, deixando todos os seus bens para a mulher e a liberdade para duas escravizadas, Severina e Maria do Carmo, contanto que permanecessem ao lado de Afra até a morte desta. As relações de Afra com essas cativas não foram, porém, amistosas, tendo levado até a um processo cível. O exemplo de Afra mostra como era complexo o mundo que a escravidão concebeu.

A Afra criada por Mônica Ventura está desprovida de qualquer conflito. Bonita, forte, ela olha resoluta para a frente e se destaca do fundo azul profundo

selecionado pela artista. Com um turbante de nação, brinco e broche de ouro, revela a riqueza e o patrimônio que acumulou. Sua roupa não permite que se lhe adivinhem as linhas do corpo, numa representação que se afasta daquela feita por viajantes estrangeiros, os quais em geral destacavam a sensualidade das escravizadas, sempre expostas com o colo nu. Essa é uma Afra digna, altiva, dona de seu destino, como outras tantas escravizadas e libertas, que legaram seus exemplos.

Chico Rei viveu na região das Minas Gerais, em tempos de muita mineração e trabalho escravo, mas também de ameaças de insurreições e muita boataria. Chico Rei, que fez história e virou lenda, era um africano da família real do reino do Congo. Com a esposa, filhos e poucos súditos, fora embarcado como escravizado para o Brasil. Conta-se que, durante a viagem, sua esposa e alguns filhos teriam morrido. Não se sabe a que porto chegou, contudo é certo que foi parar nas minas de Ouro Preto. Foi batizado com o nome de Francisco e escravizado juntamente com um dos seus filhos. Passados alguns anos e depois de muito trabalho, Chico Rei, já reconhecido pelos demais africanos por sua distinção, não só conseguiu pagar por sua própria liberdade, como comprou a alforria de vários escravizados africanos, quiçá malungos (colegas de navio negreiro) e outros do reino do Congo.

Antonio Obá traz um Chico Rei mais velho, com cabelos brancos, olhar penetrante e roupas que remetem a sua origem real e africana. Usa também colares de contas que vinculam à religiosidade afro-brasileira. Igualmente ativo, no seu olhar cândido transparece

bondade. Transparece ainda riqueza combinada a solidariedade, rara no ambiente da mineração. O fundo verde-oliva dialoga com o que parece ser uma coroa e uma estrela de ouro. Chico Rei sorri.

Foram muitas as Afras e tantos os Chicos Reis invisíveis durante muito tempo por uma historiografia colonial e de heróis exclusivamente brancos. Hoje eles vão voltando para mudar nossa imaginação e a maneira como pensamos nosso passado, nosso presente e sonho de futuro.

INTRODUÇÃO

*Flávio Gomes, Jaime Lauriano,
Lilia Moritz Schwarcz*

Senhores

O sangue dos meus avós

Que corre nas minhas veias

São gritos de rebeldia

— Carlos de Assumpção,

NÃO PARAREI DE GRITAR



Um grande e constrangedor silêncio habita a maior parte dos arquivos brasileiros e coloniais, e, sobretudo, dos nossos manuais e livros didáticos. Neles, enquanto os registros de atos empreendidos pela população branca estão por toda parte, as referências acerca da imensa população escravizada negra que viveu no país, desde meados do século XVI até praticamente o fim do século XIX, são bem escassas. Ainda são muito pouco mencionados os negros e as negras que conheceram o período do pós-abolição; aquele que se seguiu à Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, a qual, longe de ter sido um ato isolado e “redentor”, fez parte de um processo coletivo de luta incessante pela liberdade, protagonizado por negros, libertos e seus descendentes. Por fim, se hoje as fontes documentais se multiplicaram, fora da bibliografia especializada são raros os registros das atuações desses grupos, e também do racismo e da violência cotidianos, com seus personagens sendo condenados, ao menos numa história mais oficial, a uma dupla morte: a física e a da memória.

Esta *Enciclopédia negra* pretende ampliar a visibilidade das biografias de mais de 550 personalidades negras, em 417 verbetes individuais e coletivos, apoiando-se na vasta produção historiográfica, antropológica, literária, arqueológica e sociológica que se debruçou sobre a escravidão e sobre o pós-abolição. Utilizamos também fontes primárias e secundárias, matérias de jornais e obras que trataram desses personagens, direta ou indiretamente. Muitas dessas trajetórias foram

invisibilizadas pela maneira como são fundados e organizados os nossos arquivos, bem como pelo modo como as narrativas são construídas e divulgadas; mais ainda quando se trata de mulheres negras e de pessoas LGBTQIA+ negras.

Narrar é uma forma de fazer reviver os mortos, afirma a escritora Saidiya Hartman. Por isso mesmo, nesta obra, diversas vezes deixamos explícito quando não temos tantos detalhes da infância de um personagem ou quando nos faltam dados sobre determinado período da vida de certas pessoas. Sobram lacunas acerca da maior parte da trajetória dos indivíduos retratados — por vezes não sabemos nem mesmo aproximadamente seus anos de nascimento e morte. Todavia, cada biografia narra, sempre, uma linda história: foram pessoas que se agarraram ao direito à liberdade; profissionais liberais que romperam com as barreiras do racismo; esportistas que desafiaram as amarras de seu tempo; mães que lutaram pela alforria de suas famílias; professoras que ensinaram seus alunos a respeito de suas origens; indivíduos que se revoltaram e organizaram insurreições; curandeiros e médicos que salvaram doentes; músicos que criaram e expandiram maneiras diferentes de se fazer cultura; ativistas que escreveram manifestos, fundaram associações e jornais; líderes religiosos que reinventaram outras Áfricas no Brasil.

Por meio de detalhes, de fragmentos, de registros deixados pelas autoridades coloniais, por fontes da polícia, por descrições legadas por senhores que pretendiam reclamar a “propriedade”, por referências jornalísticas, por raros diários, procuramos trazer de volta o

que poderia ser dito e contado, mas que permanece, o mais das vezes, inacessível. Trata-se de perscrutar os arquivos, na sua instabilidade e inconstância. Fazer uma “contra-história” ou uma “meta-história” — como defende uma série de historiadores — que devolva ao leitor pessoas de carne e osso.

Outra preocupação desta *Enciclopédia* foi a de introduzir as histórias de personagens afro-brasileiros espalhados por toda parte do Brasil, de Norte a Sul. Não apenas africanos recém-chegados que acompanharam os alardeados ciclos econômicos do açúcar, da mineração e do café durante a escravidão, mas também uma população negra no pós-abolição, supostamente só existente no Nordeste ou nas periferias das grandes capitais. Em diferentes espaços vamos encontrar uma série de personalidades negras em Roraima ou Amapá, entre as fronteiras caribenhas com Suriname, Guiana Francesa e Venezuela. Ou através das migrações negras que alcançaram o Acre e o Mato Grosso do Sul, partes do que ainda não eram Brasil nas últimas décadas oitocentistas. No Sul não foi diferente, borrando as fronteiras do Uruguai e da Argentina. Esses são pedaços de histórias que juntaram gente, desejos e projetos de diásporas em construção. Buscamos também uma representação mais paritária de marcadores como gênero/sexo, haja vista que as histórias racionais são ainda mais excludentes diante das memórias de mulheres e de pessoas LGBTQIA+, que não raro desaparecem das narrativas.

Restabelecer a trajetória desses mais de quinhentos personagens significa, pois, tirá-los das estatísticas ou dos registros que não lhes conferem identidade

ou singularidade e reconstruir seu passado, nomeando, assim, a violência do nosso presente e também a atuação incansável desses que foram verdadeiros protagonistas da nossa história. É lamentável constatar a existência de um racismo estrutural e institucional, que atinge todas as áreas sociais — educação, saúde, mortalidade, natalidade, moradia, oferta de emprego — e também os nossos arquivos.

Uma *Enciclopédia* como esta não pode nem deve ter como objetivo ser exaustiva. Pretende, em vez disso, provocar o debate e animar novas pesquisas. E se o critério para constar neste livro foi a morte, o objetivo é a vida. Ou seja, esta obra se concentra nos rastros do nosso passado, que ainda têm imensa ressonância no presente. Trata-se de uma narrativa feita em verbetes, em fragmentos, de certos nomes conhecidos pelos brasileiros e sobretudo de outros basicamente ignorados, mas que tiveram seu protagonismo em diferentes momentos e regiões do país. A intenção é trazer de volta esses corpos e também vozes tantas vezes sequestrados e sobre os quais, até então, só restava o silêncio. Um projeto como este será sempre incompleto, e deixará de fora muitas vidas que certamente merecem ser contadas e recontadas, e que aparecerão em sites vinculados a este projeto.

Mas o projeto não se encerra com a publicação deste livro. Trinta e seis artistas negras, negros e negres, numa referência a outras identidades de gênero, foram convidados para produzir retratos dos biografados. Boa parte das personalidades abordadas nesta *Enciclopédia* não possui imagens nem de sua época nem mesmo posteriores,

e a explicação para esse fato está, mais uma vez, na invisibilidade imposta a eles. Portanto, também no campo visual, destacou-se uma política que pretendeu tornar transparentes ou invisíveis os heróis e as heroínas que escapavam da régua e do compasso de uma história mais colonial, europeia e, assim sendo, branca. Para cobrir esse tipo de lacuna, convidamos artistas para colaborarem nessa missão coletiva de resgate dessas trajetórias, para que eles nos ajudassem a retratar uma história mais plural, inclusiva e ampla. Os artistas-parceiros que aderiram ao projeto deram rosto a vários desses personagens — aqueles sobre os quais não restaram imagens —, fazendo com que tenhamos, daqui para a frente, uma “pinacoteca negra” e uma imaginação mais generosa e diversificada acerca da história do Brasil.

O projeto da *Enciclopédia negra* inclui ainda uma exposição de mesmo nome, organizada pela Pinacoteca de São Paulo. Além disso, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com a coordenação das professoras Isabel Reis, Luciana Brito, Rosy de Oliveira e Antônio Liberac, encomendou a pesquisadores de todo o país a redação de verbetes sobre personalidades e grupos de negras, negros e negres atuantes no momento presente. O material será divulgado em revistas acadêmicas de acesso gratuito e está na origem de um novo projeto de livro.

Os personagens são analisados nesta *Enciclopédia* a partir de um olhar renovado, que destaca a maneira como as ideias desses homens, dessas mulheres e dessas pessoas LGBTQIA+

circularam no eixo afro-atlântico, criado forçosamente pela linguagem da escravidão e, depois, durante o largo período do pós-emancipação — que tem data de começo, mas não de fim. Assim, se chegaram ao Brasil tumbeiros carregados de pessoas com suas histórias, também vieram filosofias, teorias, religiões, plantas, práticas corporais, ritmos, ativismos, linguagens, cantos, padronagens, culturas materiais e imateriais — uma série de experiências que não se restringiram às fronteiras e às margens delineadas pelos europeus que colonizaram o Brasil. Notícias de uma revolução iniciada no Haiti logo alcançavam as Américas, e exemplos de rebeldes geravam alvoroço nas várias pontas que esse comércio negreiro estabeleceu. Da mesma forma que a insurreição dos malês, ocorrida em Salvador, logo alcançou os ouvidos dos escravizados que viviam nos Estados Unidos, projetos idealizados na Jamaica se inseriram rapidamente em nosso país. No século xx, com as experiências conectadas de lutas por cidadania, direitos civis, igualdade racial e movimentos antirracistas, ocorreria algo similar: uma ampla circulação de ideias, de valores, de costumes e de práticas compartilhadas nesse amplo espaço afro-atlântico.

Foram muitos os intelectuais que escreveram biografias de negras e negros que viveram em vários momentos da história brasileira — e que se encontram devidamente indicadas nas referências bibliográficas. Nas últimas décadas, destacamos a iniciativa de Haroldo Costa, que em 1982, no livro *Fala, crioulo*, entrevistou personagens conhecidos e anônimos. Com apoio da

pesquisa primorosa de Milton Cobrinha, foram incluídas pessoas reconhecidas (muitas ainda vivas) — como o ator Milton Gonçalves, o escritor, sambista e pesquisador Nei Lopes, e os jogadores Pelé e Paulo César Lima —, e também ícones como Mestre Didi, Raimundo de Souza Dantas e tantos outros. A maior originalidade ficaria por conta dos quase quarenta personagens anônimos apresentados no livro, entre eles feirantes, garis, cabeleireiros, eletricitas, caftens e donas de casa. Gente que falava de sua própria identidade, de suas trajetórias e do racismo existente no Brasil.

Em meados da década de 1980, Oswaldo de Camargo publicaria o livro *A razão da chama: Antologia de poetas negros brasileiros* (1986). Ainda na mesma década, Emanuel Araújo organizou uma importante obra de referência chamada *A mão afro-brasileira* (1988), que recupera perfis, trajetórias e obras de artistas negras e negros de várias gerações. Em 1998, Eduardo de Oliveira lançou *Quem é quem na negritude brasileira*, com um ampliado repertório de pequenas biografias de artistas, intelectuais, ativistas e personagens históricos desde o século xvi até o fim do século xx. Em 2004, o *Dicionário da escravidão negra no Brasil*, organizado por Clóvis Moura e Soraya Silva Moura, apresenta verbetes de personagens e de eventos da escravidão. Depois do *Dicionário mulheres do Brasil* (2000), Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil lançaram o livro *Mulheres negras do Brasil* (2006), apresentando um amplo painel, desde o primeiro período da escravidão até a contemporaneidade.

No Brasil, nas últimas décadas, vários historiadores introduziram reflexões fundamentais sobre a vida cotidiana

e sobre a religiosidade difundida durante o período escravocrata, tendo como objeto estudos biográficos de escravizados e libertos, homens, mulheres, africanos e nascidos no Brasil. Com uma obra pioneira no gênero da biografia de escravizados e ex-escravizados, Luiz Mott analisou, em 1993, a vida de Rosa Egipcíaca. O ineditismo da trajetória de Rosa passa por sua transformação em santa, venerada por todos em plena sociedade escravista colonial, num ambiente religioso efervescente.

Depois do imenso avanço acerca da vida religiosa, a temática das relações de gênero tendeu a ficar mais forte nos estudos biográficos de escravizados e ex-escravizados. Júnia Furtado ofereceu, em 2003, uma análise da vida real de Chica da Silva, talvez a escravizada mais conhecida do Brasil, por meio de lendas e de romances. Mergulhou no cotidiano de mulheres forras no século XVIII, investigando as expectativas de mobilidade social e criticando a imagem de sedução e sensualidade das mulheres negras forras no Brasil colonial.

João José Reis publicou duas biografias de africanos que foram cativos e conquistaram a alforria. Na primeira, de 2008, examinou a vida religiosa do liberto africano Domingos Sodré, na Bahia do século XIX, reconstituindo os cenários religiosos dos africanos em Salvador bem como suas redes sociais. Na segunda, de 2010 — escrita em conjunto com os historiadores Marcus J. M. de Carvalho e Flávio Gomes —, acompanhou a vida do liberto africano Rufino José Maria em quatro cidades brasileiras (Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Recife), além de

suas várias viagens em navios negreiros como cozinheiro.

Essas biografias de africanos e vários outros estudos que exploraram as trajetórias de negros escravizados e livres representaram importantes inspirações teóricas e metodológicas na busca de articulações que se mostraram bastante férteis entre a história atlântica e suas vidas. Essas investigações se somam a tantas outras que revelam os esforços da historiografia brasileira no sentido de reconstituir a vida, o cotidiano e a mentalidade de escravizados, africanos e seus descendentes, numa perspectiva microscópica, articulando narrativas individuais, formação de identidades e sentidos religiosos em contextos mais amplos da escravidão e do pós-emancipação. Em 2012, surgiria a coletânea *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*, de Giovana Xavier, Juliana Farias e Flávio Gomes, reunindo quase duas dezenas de pesquisadores, cobrindo várias regiões do país e apresentando perfis, trajetórias e biografias de mulheres negras, escravizadas, libertas, africanas e crioulas. No ano anterior, a coletânea *Experiências da emancipação*, de Petrônio Domingues e Flávio Gomes, trouxe biografias de personagens negras e negros que participaram de instituições e de movimentos sociais no pós-abolição, entre 1890 e 1980. A lista de autores e de contribuições é enorme, com dissertações, teses, artigos e livros cobrindo diversas trajetórias. Consideramos todos eles nos verbetes aqui publicados.

No período mais recente, entre as inúmeras publicações que são essenciais na colaboração acerca das

histórias de vida de personagens negras e negros, destacam-se as obras de Nei Lopes — *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*, de 2004, e *Dicionário literário afro-brasileiro*, de 2007. A primeira conta com edições constantemente atualizadas, sendo a última datada de 2011. Num projeto de fôlego, o autor tem produzido milhares de verbetes, cobrindo personagens, eventos, conceitos e terminologias que abrangem toda a diáspora. Em 2019, publicou *Afro-Brasil reluzente: 100 personalidades notáveis do século XX*. Eduardo Assis organizou, em 2014, *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*, que trouxe um grande painel dessa produção no país. *Histórias afro-atlânticas* — resultado de uma exposição realizada em 2018 no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e no Instituto Tomie Ohtake e curado por Adriano Pedrosa, Ayrson Heráclito, Hélio Menezes, Lília Moritz Schwarcz e Tomás Toledo — apresenta um retrato compósito dos vários artistas que circularam pelo Atlântico negro. Por fim, publicações como as de Ligia Fonseca Ferreira sobre Luiz Gama (2008, 2011, 2012 e 2020) e as alentadas biografias sobre Cruz e Sousa e Carolina Maria de Jesus (Tom Farias, 2008 e 2018) e Lima Barreto (Lília M. Schwarcz, 2017), entre outras, mostraram diversos caminhos para localizar obras, trajetórias e percursos de intelectuais negras e negros dos séculos XIX e XX, bem como exploraram narrativas muitas vezes fragmentadas e com várias lacunas.

Além das publicações citadas, inúmeros sites e acervos digitais foram disponibilizados nas últimas décadas, com farto material aberto ao público

leitor, destacando-se o Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira, o Museu AfroBrasil, o Geledés, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), o portal Literafro da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Enciclopédia Itaú Cultural, a Brasileira da Biblioteca Nacional, o site do Instituto Moreira Salles, entre tantos outros.

Neste projeto, retomamos os conhecimentos das obras acima listadas e procuramos inovar a partir das experiências de uma série de pessoas negras que circularam no eixo afro-atlântico. Mais que isso: recuperamos centenas de estudos e pesquisas — muitos recentes e inéditos — que têm analisado processos, eventos e experiências da escravidão e do pós-abolição, descortinando vidas e fazendo emergir personagens e suas vidas. Foi fundamental incorporar à bibliografia clássica, e com destaque, a produção historiográfica de mais novas e potentes gerações de historiadores negros e negras.

Como tratar de escravizados que viveram ou nasceram no Brasil, que até bem pouco tempo eram tomados apenas como variáveis demográficas? Como entender a escravidão, que durou no Brasil quase quatro séculos e cruzou diferentes tempos, espaços e vários ciclos econômicos, devidamente interseccionados? Como escrever estes verbetes levando em conta marcadores sociais de diferença como raça, gênero, geração e região? Esses são alguns dos desafios que aqui enfrentamos.

A pesquisa para esta *Enciclopédia* começou em fins de 2014, quando surgiu a ideia de escrever uma síntese alentada sobre a escravidão no Brasil. Durante o

trabalho de manusear clássicos e de dar conta da vasta bibliografia atualizada — expressa em artigos, livros e capítulos, além de centenas de dissertações e de teses inéditas produzidas em programas de pós-graduação espalhados de norte a sul do país —, acabamos por concluir que seria um trabalho hercúleo e com resultados basicamente incompletos. O risco de generalizar demais e de não localizar diferentes temporalidade e geografias, no limite, inacessíveis — porém, muito importantes no que se refere às experiências coloniais — nos fez desistir desse compêndio. O *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos* (Lília M. Schwarcz e Flávio Gomes, 2018) virou, então, um grande projeto coletivo, juntando dezenas de pesquisadores, estudiosos e estudiosas da escravidão, com investigações em diversas áreas. Ainda assim, avaliamos que várias paisagens atlânticas acabaram por ficar de fora dessa coletânea, bem como, e sobretudo, não apareciam com a devida importância as vivências de personagens incríveis, mas que escapavam das diversas abordagens.

O certo é que não há mais espaço para tratar de África no singular, tampouco para retomar convenções coloniais utilizadas e canonizadas durante tantos séculos. Foram inúmeras as escravidões, desenhadas por escravizados e escravizadas, senhores, feitores e pessoas que descobriram e lutaram pela liberdade. Pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, café não foram apenas economias transmutadas em “bastões de revezamento econômico” ou ciclos presos a padrões de evolução fixos. Os territórios e as fronteiras eram muito mais amplos, incluindo trigo,

algodão, fumo, arroz, drogas do sertão, gado, diamantes, tropeiros, mandioca, salsaparrilha, charque e tantas outras culturas que constituíram e que foram constituídas por pedaços de sociedades escravistas, compostas de indígenas e, fundamentalmente, de africanos e de seus descendentes escravizados ou libertos. Esses são cenários complexos, inseridos em paisagens mutantes. Nesses lugares, mulheres e homens, negras e negros não só atravessaram o tempo — aquele de suas próprias vidas — como organizaram memórias, relataram a originalidade de suas vivências e deixaram muitas pistas sobre suas expectativas, projetos e utopias. Procuramos, assim, recuperar histórias da escravidão e da liberdade, dando tempo, espaço, lugar e rosto a essas múltiplas experiências e a esses diversos e diversas protagonistas. Aí estão esses mais de 550 biografados, reais, complexos, intensos, contraditórios. As nossas histórias nacionais, contadas como uma linha do tempo contínua e sucessiva, entremeada de uma série de efemérides, acabaram relegando ao esquecimento pessoas que foram apagadas por narrativas que as trataram apenas como números, em meio a produções com claro caráter generalizante. Para captar desejos, redes familiares, ressentimentos, medos, dúvidas, sucessos, horrores, amores, tragédias, alegrias, esperanças, choros, fracassos, ódios, decepções, angústias e recordações foi necessário tirar da névoa rostos, retratos, nomes e personagens múltiplos, que espelham a riqueza e a variedade das experiências afro-brasileiras. Estes foram alguns passos que tomamos, visando revelar

vozes e opções subjetivas, para além de nomes e registros temporais.

Não se trata, aqui, de inventar heróis ou enumerar vítimas, muito menos de construir narrativas subalternas ou subalternizadas. Partindo da fundamental contribuição historiográfica, antropológica, literária e sociológica dos últimos quarenta anos, tentamos reler contextos, processos sociais, horizontes de expectativas, envolvendo vários personagens, auscultando dessa forma vidas e trajetórias repletas de propósitos e de planejamentos. Incompletos para aqueles que viveram no mesmo período e, sobretudo, para nós, que tentamos encontrá-los tantos séculos depois, esses protagonistas ergueram mosaicos de experiências, movimentos históricos profundos, ainda bem pouco conhecidos entre nós.

O objetivo desta *Enciclopédia* é, portanto, contribuir para que os brasileiros incluam em suas narrativas outros sujeitos históricos, em geral silenciados ou esquecidos pelos nossos manuais, livros didáticos e compêndios mais tradicionais. Ao cruzar tempos, espaços e gerações, de modo a compor um painel não só amplo mas equânime e equilibrado em termos geográficos, temporais e de gênero, este livro traça um panorama inclusivo, com a presença de intelectuais, ativistas, figuras religiosas, cantores, esportistas, profissionais liberais, políticos, artistas plásticos, médicos, abolicionistas, engenheiros, quilombolas, professores, cientistas e líderes comunitários, cada um excepcional à sua maneira. Por fim, se alguns dos biografados serão de conhecimento prévio dos leitores, outros, por conta de suas experiências terem sido

pouco veiculadas pela mídia, pelos livros de história e pelos manuais de forma geral, demonstrarão como a “celebridade” também se faz no cotidiano.

Um grande destaque foi dado aos verbetes mais históricos, pouco contemplados em obras do gênero. Nesse sentido, uma das intenções fundamentais desta *Enciclopédia* é ampliar o repertório de professores e alunos que, a despeito da lei nº 10 639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, ainda não encontram material suficiente para subsidiar a educação, a pesquisa e o estudo nessas áreas, possibilitando que docentes de ensino fundamental, médio e universitário possam incluir outros intérpretes e personagens em seus cursos e ementas. Em suma, este livro se insere num processo mais robusto de ampliação do conhecimento das práticas negras em nosso país, além de contribuir para a construção de um amplo movimento antirracista e cidadão.

Este projeto não seria possível sem o esforço conjunto de uma série de historiadores e de cientistas sociais, dos artistas que criaram os retratos e do apoio da Companhia das Letras, do Instituto Ibirapitanga e da Pinacoteca de São Paulo. Nosso muito obrigado a Alceu Chiesorin Nunes, Erica Fujito, Fabiana Roncoroni, Fernando Baldraia, Lucila Lombardi, Luiz Schwarcz, Otávio Marques da Costa, Ricardo Teperman (um verdadeiro coautor desta obra), Andre Degenszajn, Iara Rolnik, Dalva Santos (Instituto Soma), Ana Maria Maia, Jochen Volz e Valéria Piccoli, que foram nossos e nossas comparsas nessa empreitada, compartilhando dúvidas e caminhos. Sem a Sonia Balady não

teríamos dado conta de organizar todos estes verbetes e de garantir a paridade entre homens, mulheres e pessoas LGBTQIA+. Agradecemos também a Edson Cardoso, que nos ofereceu sugestões preciosas, entre elas a de que alguns verbetes tratassem de experiências coletivas. Contamos com a ajuda de Alberto da Costa e Silva, Ana Carolina Lourenço, André Chevitarese, Antônio Carlos Higino da Silva, Antonio Liberac Cardoso Simões Pires, Astrogildo Esteves Filho, Bianca Santana, Carlos Alberto Medeiros, Carlos Eugênio Líbano Soares, Cuti, Cyda Moreno, Elciene Azevedo, Elisa Larkin, Emanuel Araújo, Felipe Arruda, Giovana Xavier, Hélio Menezes, Higor Ferreira, Iamara Viana, Isadora Mota, Ivanir dos Santos, João Alipio, João José Reis, Juliana Vicente, Layla Baptista, Léa Garcia, Ligia Ferreira, Lucimar Felisberto, Luiz Felipe de Alencastro, Maria Helena Machado, Maria Magalhães, Mariana Gino, Mário Medeiros, Matheus Gato de Jesus, Mauricio Acuña, Miquéias H. Mugge, Mundinha Araujo, Nilma Accioli, Olívia Cunha, Paulo Roberto dos Santos, Paulo Staudt Moreira, Petrônio Domingues, Reginaldo Prandi, Robert Slanes, Solange Pereira, Spirito Santo, Stephane Ramos, Tom Farias, Valéria Gomes Costa, que nos auxiliaram nesta tarefa, lembrando de nomes, esclarecendo dúvidas, indicando textos, repassando a bibliografia e sugerindo a leitura de teses e dissertações. Agradecemos também aos vários colaboradores que assinam alguns dos verbetes conosco e aos artistas que aderiram ao projeto: Amilton Santos, Andressa Monique, Antonio Obá, Arjan Martins, Ayrson Heraclito, Bruno Baptistelli, Castiel Vitorino, Dalton Paula, Daniel Lima, Desali, Elian Almeida, Hariel

Revignet, Heloisa Hariadne, Igi Ayedun, Jackeline Romio, Jaime Lauriano, Juliana dos Santos, Kerolayne Kemblim, Kika Carvalho, Lidia Lisboa, Marcelo D'Saete, Mariana Rodrigues, Micaela Cyrino, Michel CENA7, Moisés Patrício, Mônica Ventura, Mulambö, Nádia Taquary, Nathalia Ferreira, Oga Mendonça, Panmela Castro, Rebeca Carapiá, Renata Felinto, Rodrigo Bueno, Sonia Gomes e Tiago Sant'Ana. Oga Mendonça foi um verdadeiro parceiro, cuidando de toda a linguagem e coerência visual do projeto. Victor Burton elaborou o projeto gráfico com o profissionalismo e a amizade de sempre. Todos nos ajudaram a fazer desta *Enciclopédia* um verdadeiro sonho coletivo.

A grande utopia deste livro é devolver à sociedade brasileira, sobretudo a negras, negros e negres, histórias e imaginários mais diversos e plurais. Essa é uma forma de colaborar para que nosso país seja mais republicano. É também uma maneira de qualificar nossa democracia, deixando de discriminar e assassinar setores da nossa sociedade que — segundo os termos do IBGE, que os classifica como pretos e pardos — hoje correspondem a 56,1% da população.

Com esta *Enciclopédia* pretendemos, também, que a visibilização da vida (e da morte) de uma série de pessoas de origem africana contribua para o término do genocídio dessa população no Brasil. Pois tornar estas histórias mais conhecidas e dar rostos a estas personalidades colabora para a reflexão por trás das estatísticas, que nos acostumamos a ler todos os dias nos jornais, “naturalizando” histórias brutalmente interrompidas, seja fisicamente, seja na memória. Por isso, trazer à tona a biografia e a luta pela vida

de Ambrosinas, Inácios da Catigueira, Pratas Pretas, Ritas Cebola, Quindombas, Xicas Manicongo e tantos outros é mostrar que as vidas de Ágathas, Jenifers, João Pedros, Kauãs, Kauês, Kethellens, Marielles, João Albertos Silveira de Freitas, Emilys, Rebecas e tantas outras vidas negras — violenta e precocemente arrancadas de nosso cotidiano — importam.

É possível tomar duas atitudes diante da operação historiográfica e de coleta dessas tantas memórias: a primeira é apenas anotar aquilo que os arquivos oferecem; a segunda é interrogar a própria produção do conhecimento advinda do passado, começando a história mais uma vez.

*Rio de Janeiro, Porto e São Paulo,
8 de dezembro de 2020*

PÓS-ESCRITO

Quando estávamos terminando este livro, ocorreu o terrível assassinato de João Alberto Silveira Freitas no supermercado Carrefour de Porto Alegre, mais exatamente no dia 19 de novembro, véspera do Dia da Consciência Negra. A corporação global é recorrente em casos de violência contra negros. Em 2018, Luís Carlos Gomes, um homem negro portador de necessidades especiais, foi agredido num Carrefour de São Bernardo do Campo (São Paulo). Seguido por um funcionário ao abrir uma lata de cerveja antes de passar no caixa, Gomes foi espancado e levado à força para fora do estabelecimento. Apesar de os vídeos comprovarem a extrema e covarde violência, a rede tratou a acusação como “exagerada”. Depois de dois anos, a Justiça pagou 26 mil reais de indenização por danos morais, e só. E eis que a cena se repete, com os mesmos requintes, e é filmada por funcionários do Carrefour, no final de 2020. Todos os brasileiros puderam “assistir” à agonia de Beto Freitas, como era conhecido, que, levado a um estacionamento, lutou o quanto pôde para se livrar das mãos de seus agressores: os seguranças do supermercado — um ex-militar e um policial militar temporário. Ele foi asfixiado e depois de alguns minutos seu corpo ficou inerte; sem vida. No mesmo ano de 2020, no dia 25 de maio, George Floyd, um afro-americano, fora assassinado em Minneapolis; um policial branco o havia estrangulado, ajoelhando-se em seu pescoço, durante uma abordagem por Floyd supostamente ter usado uma nota falsificada de vinte dólares para pagar a

conta num supermercado. Ele também morrera dizendo que lhe faltava ar. As “coincidências” são muito reveladoras. Após a morte de Floyd, os protestos contra o racismo reacenderam nos Estados Unidos. Depois do perecimento de Freitas, o mesmo aconteceu no Brasil. Não sabemos muito da biografia de Beto Freitas, mas conhecemos de sobra a intolerância policial — que tem como alvo, principalmente, os homens e mulheres negros, negras e negres quase cidadãos no país —, a desfaçatez da sociedade que naturaliza tais eventos cotidianos, e o racismo que cerca, conforma, explica e já se transformou numa linguagem social do Brasil atual. Tão desigual que, além de não enxergar, torna invisíveis assimetrias, discriminações e exclusões não apenas individuais, mas coletivas e geracionais. Floyd pode ser chamado de um “personagem atlântico post mortem”, já que o seu bárbaro assassinato mobilizou vários lugares do mundo em protestos públicos. No Brasil, a perplexidade de parte da mídia — ante uma suposta e enganosa acomodação brasileira ou um racismo não tão violento — diz muito sobre o apagamento da história, das ações, eventos, experiências, personagens e uma série de rostos. Como se verá neste livro, o ativismo negro existe por aqui desde que o primeiro africano e a primeira africana puseram seus pés na então colônia americana dos portugueses para trabalharem coercitivamente, como escravizados, nas lavouras. E não foram só revoltas, quilombos, associativismo e movimentos populares; foram também ações diárias que indicavam percepções políticas, sonhos, projetos, pesadelos, apostas, riscos, necessidades

e formas de sobrevivência. No entanto, o racismo estrutural continua presente, e a repressão do Estado contra pessoas negras não arrefece. A frase “não consigo respirar” funciona como metáfora e realidade. Metáfora da sensação de opressão experimentada cotidianamente por pessoas negras. Realidade, de um país que pratica o genocídio duplo das populações de baixa renda e sobretudo negras: a morte física e a tentativa de assassinar o direito à memória. Uma inversão da metáfora seria “não podemos respirar” ou então “não queremos respirar mais” — ver, reproduzir, silenciar, ouvir, sentir, traduzir — “o racismo e suas formas de exclusão social”.

DANIEL ANTÔNIO DE ARAÚJO

SÉC. XIX | VIANA, MARANHÃO

No Brasil, insurreições e quilombos nem sempre andaram juntos. Menos comuns foram as situações de quilombos antigos a partir dos quais se organizaram revoltas junto com os cativos nas senzalas. Por isso, o episódio da revolta de Viana, no Maranhão, sob a liderança de Daniel, é não só excepcional como espetacular.

Boatos sobre possíveis insurreições foram a tônica da imprensa e da correspondência policial do Maranhão nos anos 1860. Para além dos conflitos internacionais, como a Guerra do Paraguai e a Guerra Civil nos Estados Unidos, havia o medo da possibilidade de “contágio das ideias”. Os temores eram *se e como* escravizados e mocambeiros poderiam ter acesso a tais informações.

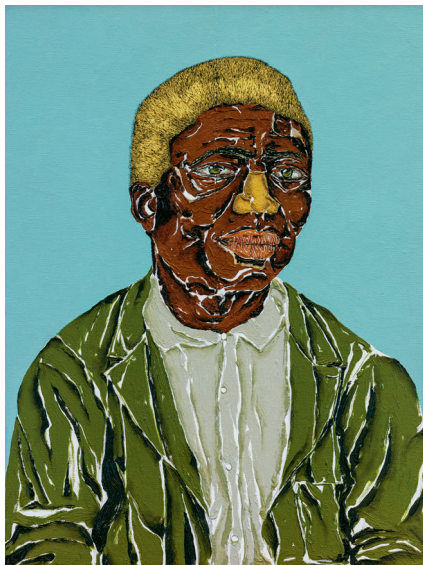
Para piorar o clima de desconfiança, em 1861 chegaram a São Luís denúncias sobre rebeliões escravas com planejamento em curso em Anajatuba. Dizia-se “que diversos escravizados formavam clubes em alguns lugares da vila, nos quais declaravam que eram livres, pois que existia na barra um vapor de guerra, que os vinha libertar, e que por esse motivo não deviam mais obedecer a seus senhores”. Descobriu-se que “semelhante ideia tem sua origem na entrada, neste período, de dois vapores de guerra, um dos Estados Unidos da América do Norte e outro dos Estados, que se querem constituir em Confederação separada”.

Com base nos estudos de Mundinha Araujo (1943-) e Flávio dos Santos Gomes (1964-), localizamos Daniel e Antônio, duas lideranças quilombolas, planejando

uma insurreição e para isso articulando mocambos e senzalas. Nas áreas de Viana, os habitantes do mocambo São Benedito do Céu saíram de suas aldeias rumo à fazenda Santa Bárbara, para depois invadir a Vila Nova de Anadia, realizando saques e mobilizando mais fugas de escravizados, que vinham engrossar os mocambos. Daniel seria considerado um dos principais chefes do mocambo. Não sabemos se era africano ou não; provavelmente nasceu no Maranhão e ainda jovem fugiu para os mocambos das regiões do Gurupi e Turiaçu. Era cativo de Virgílio de Araújo e em 1867 podia estar com trinta anos. Assim, Daniel pode ter convivido nos mocambos locais com as últimas gerações de africanos que neles se instalaram nas primeiras décadas do século XIX.

A grande novidade da insurreição de Viana foi uma carta dos revoltosos. Entregue em 10 de julho, em tom de declaração, comunicava: “Nos achamos em campo a tratar da liberdade dos escravizados”. Afirmavam que tal “liberdade” era “por muito” aguardada (“que esperamos por ela”) e completavam: “O nosso desejo é por todos e não fazer mal a ninguém”. Os escravizados reivindicavam sua alforria, ameaçando invadir mais vilas e povoados de Viana; “Não teremos remédio senão lançarmos mão nas armas”, diziam eles. Notificavam, ainda, que tinham “mil armas de fogo”, além de contarem com o apoio dos índios da região (“contarmos com todos os arcos dos gentios”), na “nossa defesa e da liberdade”. A carta seria assinada por “Daniel Antônio de Araújo e João Antônio de Araújo”, conhecido chefe do mocambo de São Benedito do Céu.

A missiva tinha o teor de ultimato e foi enviada somente às autoridades policiais de Viana; não se dirigiu ao monarca,



DANIEL

SÉC. XIX | VIANA, MARANHÃO

Dalton Paula, Goiânia, 2020

ÓLEO E FOLHA DE OURO SOBRE TELA,

61 CM × 45 CM × 3 CM

tampouco às autoridades superiores do Império e/ou da província, nem mesmo aos senhores de escravizados. Era como se a liberdade já estivesse garantida, bastava apenas o reconhecimento das autoridades locais. Esse manifesto, soube-se depois, fora redigido sob ameaças pelo administrador da fazenda Santa Bárbara, Plácido Melo dos Santos. Mas expressava a vontade dos escravizados e mocambeiros, sendo seus assinantes os próprios líderes do levante. A realização de saques a fazendas e povoados, o envio de um manifesto a favor da liberdade, a manutenção do estatuto de libertos ou o propósito de “gozar de sua liberdade” foram motivações conectadas naquele contexto.

A política de prevenção contra os costumeiros ataques às suas aldeias, a

possibilidade de enfrentarem razias de índios e o ambiente político de guerras internacionais favoreceram a insurreição. De um lado, autoridades e senhores temiam uma grande revolta. De outro, o recrutamento da Guerra do Paraguai (1864--70) implicava menos tropas para combater os mocambos. Aliás, se dizia nos mocambos “que Lopes [Solano López] do Paraguai estava tratando da liberdade deles”.

Além disso, denúncias vindas de São Luís garantiam que havia “pretos livres, que sabem ler sofrivelmente e a quem não são estranhas as ideias que nestes últimos tempos se têm manifestado em favor da emancipação dos escravizados”.

A insurreição de Viana, no Maranhão, coincidiu com uma efervescência política presente em várias partes do Império; com as discussões parlamentares sobre a emancipação; com a Guerra do Paraguai terminando com um saldo negativo para o Império; com o crescimento das “ideias de liberdade” que circulavam por toda parte; nas Antilhas e nos Estados Unidos. O medo era, portanto, um tema que fazia parte da realidade, e por isso a revolta de Viana teve imediata e violenta repressão. Além dos revoltosos, foram indiciados sete fazendeiros, dez cativos e onze livres e libertos, acusados de fazerem “negócios” com os mocambeiros. Pelo crime de insurreição acabaram condenados 31 escravizados e dois livres e na ocasião mocambeiros. Preso e julgado, Daniel foi sentenciado em 1868 à prisão perpétua.

FONTES: Flávio dos Santos Gomes; Matthias Röhrig Assunção; Mundinha Araujo.

VEJA TAMBÉM: Ângela; Cosme Bento das Chagas.



LUZIA PINTA

c. 1792-? | ANGOLA; SABARÁ,
MINAS GERAIS

Sonia Gomes, São Paulo, 2020

PEDRAS, TECIDO, METAL E OUTROS MATERIAIS,
83 CM × 24 CM × 11 CM

LUZIA PINTA

c. 1792-? | ANGOLA; SABARÁ,
MINAS GERAIS

Luzia Pinta era uma escravizada alforriada natural de Angola. Foi presa em Sabará, Minas Gerais, em 1742, acusada pela Inquisição de ser feiticeira calundzeira, conforme revelou a pesquisa de Luiz Mott. De acordo com a denúncia, ela era uma preta forra e moradora junto à capela de Nossa Senhora da Soledade, na vizinhança da vila de Sabará, e por lá praticava calundus e feitiçarias. Nascera muito provavelmente na última década do século XVII, em Luanda, onde fora criada numa família de escravizados. Por volta dos doze anos, fora embarcada como escravizada para a América. Conquistara em algum momento sua alforria, e até 1742 residiu em Sabará.

Denunciada ao comissário do Santo Ofício em setembro de 1739 por dois vizinhos, seguiu-se a abertura de um sumário de culpas para averiguar seus crimes contra a fé católica e a recolha de diversos testemunhos, o que culminou na determinação de que a suspeita fosse enviada a Lisboa para abertura do processo inquisitorial e julgamento. Luzia foi tirada à força da cidade onde criara sua rede de laços sociais, mantida em cativeiro por um ano e meio e submetida a tortura durante os interrogatórios.

Segundo mostra Alexandre Almeida Marcussi (1986-), no direito eclesiástico, a feitiçaria fazia parte da jurisdição dos tribunais do Santo Ofício, sendo enquadrada como crime de heresia. Desde a bula papal *Super illius specula*, de 1326, havia precedentes para que as práticas mágicas, antes toleradas pela Igreja, agora

fossem passíveis de perseguição. O que permitia tal enquadramento era a noção de “pacto demoníaco”. A partir dessa ideia produziu-se uma poderosa ferramenta jurídica de acusação, que simplesmente ignorava e passava por cima das intenções manifestas e declaradas pelo réu, pois encontrava indícios de “pacto” mesmo quando ele não fosse jamais confessado.

E Luzia acabou se enquadrando nesse que era um manual inquisitorial. “Cinquenta anos pouco mais ou menos, preta baça, alta e grossa de corpo, com um sinal mais perto da testa e em cada face outro” — com tais palavras, o escrivão do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa descrevia a ré Luzia Pinta, que fora encarcerada em Sabará no dia 18 de dezembro de 1742. Sua primeira confissão foi obtida em 18 de março de 1743, e o julgamento acabou durando mais de dois anos. As denúncias contra Luzia Pinta haviam começado em setembro de 1739, quando o clero de Sabará a acusou de feitiçaria. Diziam os autos que ela teria convencido um enfermo de nome Luís Coelho Ferreira, que andava próximo da morte, a tomar parte de seus rituais, prometendo-lhe a cura completa. Manuel Freire Batalha a denunciava desta maneira: “Assim fizera várias operações diabólicas invocando o Demônio por meio de umas danças, a que vulgarmente chamam calanduz”. Os inquisidores denominavam calanduz ou calundu a reunião em que Luzia aparecia. Dizia-se que praticava mandinga “ou outra coisa diabólica, usava de feitiços contra as pessoas...”. Essas aparições, “por meio de umas danças, a que chama calundu”, eram motivo de “grande escândalo dos fiéis católicos”.

A ré não se acovardou e afirmou, contrariando as expectativas e os

estereótipos dos inquisidores, que aquela era mesmo uma doença contagiosa vinda de Angola e que consistia em “destino” ou “virtude” concedidos por Deus. Confessou também ter experiências extáticas: “viajava por lugares” enquanto “seu corpo permanecia imóvel, como morto”. No entanto, segundo ela, fazia tudo com a ajuda de Deus. A despeito de suas versões dos fatos e argumentações, Luzia Pinta acabou enredada pela implacável lógica inquisitorial. Como tivesse admitido que sua “doença” era sobrenatural, os inquisidores foram autorizados a presumir que se tratava, na verdade, de intervenção demoníaca, já que “Deus não agia daquela forma”. Ou seja, não concedia poderes divinatórios e tampouco permitia que as almas deixassem os corpos em vida para depois retornarem. Após o longo embate, o triunfo da leitura demonológica significou também o encerramento do processo. Luzia foi culpada de “feitiçaria, apostasia e pacto”. Em 20 de junho de 1744, Luzia saiu em auto de fé, decerto usando hábito penitencial e observada por uma multidão, como era costume nessas cerimônias, em que a Inquisição portuguesa ostentava seu poder e reafirmava sua autoridade por meio da demonstração pública e exemplar. Sob a acusação de “leve suspeita na fé”, foi degredada para o Algarve e não se teve mais notícias dela.

FONTES: Alexandre Almeida Marcussi; Laura de Mello e Souza; Luiz Mott.

VEJA TAMBÉM: Amélia Rosa; Caetano da Costa; Divino Mestre; Domingos Álvares; Feliciano Maria Olímpia; Juca Rosa; Mestre Tito.

ÍNDICE DE VERBETES

- Abdias do Nascimento 22
Abigail Moura 23
Acaiuba, Amaro, Ambrósio, Andalaquituche, Cabanga, Camoanga, Canhongo, Dambraganga, Ganga-Muiça, Ganga-Zona, Gaspar, Gone, Gongoro, João Mulato, João Tapuia, Maihoio, Mouza, Osenga, Pacassa, Pedro Caçapa, Quiloange, Quissama, Toculo, Zangui 24
Acotirene e Aqaltune 25
Adão 27
Adhemar Ferreira da Silva, João do Pulo e Nelson Prudêncio 28
Adriana e Maria 30
Afra Joaquina Vieira Muniz 31
Agnaldo dos Santos 32
Agostinha 33
Alberto Guerreiro Ramos 34
Alcides de Freitas Cruz 36
Aleijadinho 37
Amália Augusta de Lima Barreto 39
Amarildo Dias de Souza 40
Ambrosina 41
Ambrósio, Bateiro e Isidoro 43
Amélia Rosa 44
Ana Clara Maria Andrade, Deolinda e Isabel Maria da Conceição 45
Ana de Jesus 47
Ana de Oliveira e Rosária Maria 47
Ana Maria de Jesus 48
Ana Mogumbe, Gertrudes Angola, Joana Benguela, Maria Camundá, Maria Conga, Mariana Monjola e Suzana, da Costa de Guiné 49
Anastácia 50
André Rebouças 51
Andreza, Antônia e Efigênia 53
Ângela 55
Ângela e Geralda 56
Antenor Nascentes 57
Antonica, Luiza e Marcelina 58
Antonieta de Barros 59
Antônio Amaro Ferreira 60
Antônio Baobad 61
Antônio Candeia Filho 62
Antônio Dutra 63
Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa 64
Antônio Pinto Bandeira 65
Antônio Telles 66
Arinda Serafim e Marina Gonçalves 67
Arlindo Veiga dos Santos 67
Arthur Bispo do Rosário 69
Arthur Rocha 71
Arthur Timótheo da Costa e João Timótheo da Costa 72
Ascendina dos Santos 73
Astolfo Marques 74
Augusta e Ubaldina Anna da Conceição 76
Augusto Mina 77
Aurélio Veríssimo de Bittencourt 78
Auta de Souza 80
Badia 82
Bamboxê Obitikô (Rodolpho Manoel Martins de Andrade) 83
Bárbara Gomes de Abreu e Lima 83
Basília 86
Batatinha e Riachão 86
Beatriz Nascimento 87
Benedita Caetana, Josefá, Maria Rosa e Rita e o Livro de Ouro do Fundo de Emancipação 88
Benedita Costa 89
Benedita Maria Albina da Ilha 90
Benedito Meia-Légua 91
Benjamim de Oliveira 92
Bento, Bernardo, Bonifácio, Francisco, José e Mateus 93
Bernarda de Souza 95
Besouro Mangangá 95
Bibiana e Isabel Guaraná da Costa 96
Brito Souto 98

- Caetana 102
 Caetano da Costa 103
 Cardoso Vieira 103
 Carlos Alberto Oliveira dos Santos 104
 Carlos Marighella 106
 Carlota Alberta Burnett, Florence Scantlebury,
 Helen Cook, Louise White, Mabel Skeete e
 Una Long 107
 Carolina Maria de Jesus 108
 Cartola 110
 Catarina 112
 Catarina, Josefa e Vitória 113
 Catarina Cassange 114
 Catarina Mina 115
 Cecília, Letícia, Virgínia e Querubina 117
 Celina Veiga, Maria de Lourdes Rosário e
 Noêmia de Campos 118
 Chica Brincuda 119
 Chica da Silva 120
 Chica Machado 121
 Chico Prego, Elisiário e João
 Pequeno 123
 Chico Rei 123
 Chiquinha Gonzaga 124
 Cícero Brasiliense de Moura, Graciliano
 Fontino Lordão, José Manuel dos Anjos e
 Vicente Gomes Jardim 125
 Cipriano Pires Sardinha 126
 Clara Courá, Isabel Mina, Mariana da Costa e
 Mariana Xambá 128
 Cláudia Silva Ferreira 129
 Claudina Fortunato Sampaio
 e Luísa 130
 Claudino José da Silva 131
 Cléa Simões 132
 Clementina de Jesus 133
 Clementina Maria da Conceição
 e Maria Tereza da Cunha 135
 Clóvis Moura 136
 Cosma Corrêa e Quitéria Pereira
 de Souza 137
 Cosme Bento das Chagas 138
 Cumba 140
 Curukango (Carukango, Querucango) 141
- D. Diogo 144
 Damásia 144
- Dandara, Lucrecia e Madalena 146
 Daniel Antônio de Araújo 147
 De Chocolat 149
 Delfina e Faustina 150
 Delfino 151
 Delindra Maria de Pinho 151
 Delphina Maria da Conceição, Feliciano de
 tal, Henriqueta Costa, Isabel Maria da
 Anunciação, Silvéria Maria da Conceição e
 Tereza de Jesus 153
 Deocleciano Nascimento 154
 Deolinda, Eva, avó, mães e filhas 156
 Diogo Rebole e Ventura Mina 157
 Dionísia e Martinha dos Santos 158
 Dionísia Angola 158
 Divino Mestre 160
 Domingos Álvares 162
 Domingos Sodré 163
 Donga 164
 Dorothea Maria do Espírito Santo, Eva Maria
 da Silva, Maria Jacintha, Maria Thereza de
 Oliveira e Umbelina Maria das Dores 165
 Duarte da Costa 167
- Edison Carneiro 170
 Edmeia da Silva Euzébio 171
 Eduardo das Neves 171
 Eduardo de Oliveira 173
 Eduardo de Oliveira e Oliveira 174
 Efigênia, Nazaré, Rosa e Rufina 175
 Elyseu Elias César 176
 Elza de Souza e Guiomar Ferreira
 de Mattos 177
 Emília do Patrocínio 179
 Emília Duarte Rodrigues e Vivina Rodrigues
 Braga 180
 Emiliano Mundrucu, Natividade Saldanha e
 Pedro Pedroso 181
 Emmanuel Hector Zamor 184
 Enedina Alves 185
 Esperança Garcia 187
 Estêvão Pimenta e Felipe Santiago 188
 Estêvão Silva 189
 Euzébio de Queiroz Coutinho
 Barcelos 190
 Eva e Francelina 192
 Eva Maria do Bonsucesso 192

- Faustino da Silva Paiva e Mathias Henrique da Silva 196
Feliciano Maria Olímpia 197
Felicidade e Inácia 198
Felicidade, Germana, Libânia e Maria Madalena 199
Felicio de Arruda Botelho 200
Felipa Maria Aranha 202
Félix José Rodrigues 203
Félix Soares 205
Figênia 205
Firmina 207
Firmino Monteiro 207
Florência Joaquina 208
Francisca 209
Francisca Luiz 210
Francisca (Xica) Manicongo 212
Francisca Poderosa 213
Francisco 214
Francisco Antônio da Costa 215
Francisco Carregal, Manuel Maia e outros futebolistas pioneiros 217
Francisco de Paula Brito 218
Francisco de Paula Victor 220
Francisco José do Nascimento 221
Francisco Lucrécio 223
Francisco Moçambique e José Majojo 224
- Ganga-Zumba 228
Garrincha 230
Geraldo Filme 230
Gertrudes Maria 232
Grácia Maria da Conceição Magalhães 234
Grande Otelo 235
Gregório Luís 237
- Hamilton Cardoso 240
Heitor dos Prazeres 241
Hemetério José dos Santos 243
Henrique Antunes da Cunha 244
Henrique Dias 245
Henriqueta Maria da Conceição 247
Hermenegildo de Barros 249
Hilária e Madalena 250
Horácio de Sá Pacheco 252
Hypólita Maria das Dores 253
- Ildelfonso Juvenal da Silva 256
Inácio da Catingueira 256
Inácio Gonçalves de Siqueira 257
Inácio Hermógenes Cajueiro 258
Inácio Monte 259
Iracema de Almeida 260
Irenice Maria Rodrigues 261
Ironides Rodrigues 263
Isaura Bruno 264
Isidoro, Hilário e outros tradutores, guias e “cientistas negros” da Amazônia 265
Ismael Ribeiro dos Santos 267
Ismael Silva 268
Israel Soares 270
Itamar Assumpção 272
Ivone Lara 274
- Jacira de Almeida Sampaio 278
Jackson do Pandeiro 278
Jacyra Silva 279
Jandyra Aymoré 280
Jerônimo Soares 281
Joana da Silva Machado 281
Joana e Lisarda 282
Joana Guedes de Jesus e Laura Guedes de Jesus 284
Joana Maria, Maria e Maria Francisca 285
João Cândido 286
João da Cruz e Sousa 288
João da Silva, José Martins, Luiz Pereira de Almeida e Mateus Pereira Machado 290
João de Deus 291
João do Rio 294
João Henriques de Lima Barreto 295
João Mulungu 298
João e Timóteo 298
Joãozinho da Gomeia 299
Joaquim Cândido Soares de Meireles 300
Joaquim de Souza Ribeiro 301
Joaquim Pinto de Oliveira 303
Joaquina 305
Joaquina Benguela 306
Joaquina Maria da Conceição Lapa 307
Joel Rufino dos Santos 308
José Correia Leite 309
José Custódio Joaquim de Almeida 310
José de Souza Marques 311

- José do Patrocínio 312
 José Ezelino da Costa 315
 José Ferreira de Menezes 316
 José Theóphilo de Jesus 317
 Josefa da Silva 318
 Juca Rosa 319
 Juliana 320
 Juliano Moreira 321
 Justina Maria do Espírito Santo 323
- Laudelina de Campos Mello 326
 Laura Santos 327
 Lélia Gonzalez 328
 Leopoldina e Thomázia 329
 Liberata 330
 Lima Barreto 331
 Lino Guedes 334
 Lourença Correia da Lapa 335
- Lucas du Bissette e
 Norman Percival Davy 336
 Lucas Evangelista 337
 Luís Anselmo da Fonseca 338
 Luiz Gama 339
 Luiza 342
 Luiza Bairros 343
 Luiza Mahin 345
 Luzia Jeje 347
 Luzia Pinta 347
- Machado de Assis 352
 Macutandu, Mamatandu, Muquirita, Niquirita
 e Umpula 354
 Madame Satã 355
 Mãe Agripina 359
 Mãe Andresa 359
 Mãe Aninha 361
 Mãe Beata de Iyemanjá 362
 Mãe Benta 363
 Mãe Biu 364
 Mãe Dudu 365
 Mãe Esperança Rita 366
 Mãe Luzia 369
 Mãe Menininha 369
 Mãe Olga do Alaketu 370
 Mãe Senhora 371
 Mãe Stella de Oxóssi 372
- Mahitica 373
 Mahommah Baquaqua 374
 Malunguinho 377
 Mandilacota 377
 Manuel Congo 378
 Manuel da Mota Monteiro Lopes 379
 Manuel do Sacramento 381
 Manuel Padeiro e Negro Lucas 382
 Manuel Raimundo Querino 384
 Manuel Tranquilino Bastos 385
 Manuel Vicente Alves Palmeira 386
 Marcelina Obatossi 386
 Marcílio Dias 388
 Marcolina da Silva Marques 388
 Margarida Joaquina de Sousa 390
 Maria [Campinas, São Paulo] 392
 Maria [Piauí] 393
 Maria, africana livre 394
 Maria Águeda 396
 Maria Angélica 396
 Maria Angola 398
 Maria Apolinária, Maria Cândida
 e Maria Domingas 399
 Maria Auxiliadora da Silva 400
 Maria Benedita da Rocha 402
 Maria das Dores Santos Conceição 403
 Maria Dimpina Lobo Duarte 404
 Maria do Carmo Jerônimo 404
 Maria do Céu Ferreira da Silva 405
 Maria do Egito 406
 Maria Firmina dos Reis 407
 Maria Joana Monteiro 409
 Maria Joaquina 410
 Maria Joaquina de Camargo
 e Rosa Negra 411
 Maria José Bezerra 413
 Maria Mina 413
 Maria Nascimento 414
 Maria Odília Teixeira 415
 Maria Rita, africana 416
 Maria Tereza Bento da Silva 417
 Mariana 418
 Marielle Franco 419
 Mário de Andrade 421
 Martinha 424
 Matildes 425
 Mécia 426

- Mercedes Baptista 427
 Mestre Bimba 429
 Mestre Didi 431
 Mestre Moa do Katendê 432
 Mestre Pastinha 434
 Mestre Tito 435
 Mestre Valentim 436
 Mestre Verequete 437
 Mestre Vitalino 438
 Miguel e os quilombolas nas fronteiras
 tranwionais das Guianas 440
 Miguel Barros 442
 Milton Santos 443
 Minervino de Oliveira 444
 Moacir Barbosa Nascimento 445
 Mônica 447
 Mônica da Costa Ferreira 449
 Mussum 451
- Nã Agotimé/ Maria Jesuína 454
 Narcisa Ribeiro 455
 Narciso 455
 Nascimento Moraes 456
 Neusa Santos Sousa 458
 Nhô João e sua parceira 459
 Nilo Peçanha 461
- Oliveira Silveira 466
 Osvaldo Orlando da Costa 468
- Pacífico Licutan 470
 Padre José Maurício 470
 Pai Adão 472
 Páscoa Vieira 473
 Paulina 474
 Paulo da Portela 476
 Pedro Justo de Souza 476
 Pedro Lessa 478
 Pedro Valentim 479
 Peregrina e Rosa 480
 Petronilha 482
 Pixinguinha 483
 Prata Preta 485
 Pretextato dos Passos e Silva 487
 Preto Félix 488
 Príncipe Obá II 489
- Quelly da Silva 492
 Querengue e outras africanas 492
 Quindomba 494
 Quintiliano Avellar 495
 Quintino de Lacerda 497
- Raimundo de Souza Dantas 500
 Raimundo Irineu Serra 500
 Rainha Maria Joaquina 502
 Rainha Marta dos quilombolas de Iguaçú 503
 Rita Cebola e outros casos 503
 Rita Dias de Araújo 505
 Rita Maria 506
 Robson Silveira da Luz 507
 Roque José Florêncio 509
 Rosa 511
 Rosa Cabinda 512
 Rosa do O'Freire 513
 Rosa Egipcíaca 514
 Rosalina 516
 Rubem Valentim 516
 Rufina 518
 Rufino José Maria 519
 Ruth de Souza 521
- Sabina da Cruz 524
 Salústia 526
 Sebastião Rufino 527
 Selma Heloísa Artigas da Silva
 (O caso Nicole) 528
 Sidney Amaral 530
 Sofia Ferreira Chaves 530
 Solano Trindade 531
- Tancredo da Silva Pinto 534
 Teodora Dias da Cunha 535
 Teodoro Sampaio 537
 Teresa Bicuda 538
 Tereza de Benguela 539
 Tereza de Jesus de Souza 540
 Theodosina Ribeiro 541
 Thereza Santos 542
 Tia Ana 543
 Tia Carmem do Ximbuca 544
 Tia Ciata 544
 Tia Eva 545
 Tia Inácia 546

Tia Marcelina 547

Tia Maria 549

Tia Maria do Jongo 550

Tia Simoa 551

Tias baianas: Amélia Silvana de Araújo,
Fé Benedita de Oliveira e Perciliana Maria
Constança 552

Tias fluminenses: Maria José Costa Alves,
Olívia Marinho de Lima e Vicentina do
Nascimento 553

Tobias Barreto 554

Tomás 557

Trajano 557

Tula Pilar 559

Vicente de Souza 562

Vicente Ferreira 562

Vicente Ferreira 563

Virgínia Leone Bicudo 564

Vitória da Conceição 565

Vitória ou Vitorão 566

Wilson Simonal 570

Zacimba Gaba 574

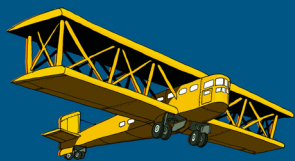
Zé Kéti 575

Zeferina 575



Zeni Pereira 577

Zózimo Bulbul 577

Zumbi 579



COMPANHIA
na educação

- Escreva-nos um e-mail e envie para professores@companhiadasletras.com.br
 - Visite a **Sala do Professor**, nosso site voltado aos profissionais da educação
 - Acompanhe-nos em nossas redes sociais
-  @companhianaeducacao
-  @companhianaeducacao

E via hashtags

#COMPANHIANAEDUCACAO